

MULHERES NO MEDIEVO: PROTAGONISMO, AUTORIA E REPRESENTAÇÕES

Women in the Middle Ages: Protagonism, Authorship and Representations

Profa. Dra. Fernanda Cardoso Nunes

Professora Ajunta de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Ceará
(UECE-FAFIDAM)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9405-1754>
E-mail: fernanda.cardoso@uece.br

Profa. Dra. Isabela Albuquerque

Professora Adjunta de História Medieval da Universidade de Pernambuco
(UPE/Campus Garanhuns)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1445-2895>
E-mail: sabela.albuquerque@upe.br

Os historiadores sociais supuseram as mulheres como uma categoria homogênea, definidas como pessoas biologicamente femininas que, mesmo circulando em papéis e contextos distintos, mantinha sua essência inalterada. Essa leitura contribuiu nos anos 1970 para o discurso da identidade coletiva, firmando-se o antagonismo homem versus mulher, favorecendo assim uma mobilização política no âmbito do movimento feminista. A emergência da história das mulheres desempenhou um papel primordial na desmistificação das correntes historiográficas herdeiras do iluminismo e derrubaram a suposta imparcialidade de suas leituras e interpretações, tendo em vista que tais autores eliminavam as mulheres das suas narrativas (Soihet, 1997, p. 97) e este campo de estudos foi de fundamental importância para questionar e desconstruir esquemas globalizantes e lineares a respeito dos processos históricos nacional e universal.

Uma importante contribuição para a história das mulheres foram os estudos de gênero. Em seu célebre artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, publicado em 1990 e traduzido para a língua portuguesa em 1995, a historiadora americana Joan Scott aponta que o termo gênero implica uma ampla gama de posições teóricas quanto de simples referências descritivas às relações entre os sexos; utilizado para designar as relações sociais entre eles (Scott, 1995, p. 73-75). No âmbito dos estudos literários, o

recente resgate e a inclusão de autoras dentro do cânone literário medieval. O protagonismo dessas mulheres de letras vem sendo cada vez mais destacado e traz uma nova luz sobre questões de autoria, gênero e representação feminina no medievo.

O protagonismo masculino dentro dos estudos históricos e literários, entretanto, levou a um questionamento, a partir da década de sessenta: onde estão as mulheres na história? E na literatura medieval? A proposta deste dossiê, “Mulheres no medievo: protagonismo, autoria e representações”, consiste em reunir artigos de doutores/as tem por objetivo reunir trabalhos a respeito de temáticas relacionadas a mulheres no período medieval.

No artigo “Esposas ou Santas? Transgressões Matrimoniais da Rainha e da Rainha Vermelha na Baixa Idade Média Europeia”, Aldinida Medeiros e Francisco Edinaldo de Pontes, buscam mostrar como as personagens românicas D. Isabel de Aragão, protagonista d’*A Rainha Santa* (2017), de Isabel Machado, e Lady Margaret Beaufort, protagonista d’*A Rainha Vermelha* (2019), de Philippa Gregory, apesar de terem se submetido à instituição casamento, elas conseguiram transgredir os padrões de esposas próprios da sociedade de suas épocas sob a ótica dos estudos de gênero e da crítica literária feminista, apontando como as atitudes das protagonistas soam como transgressoras, pois, mesmo tendo se submetido à conjuntura do sistema patriarcal, elas mantiveram uma vida devota ao Cristianismo, tanto para realizar seus desejos de servir ao divino, como também uma forma de não se submeterem totalmente às amarras de uma sociedade androcêntrica e falocêntrica, calcada em um pensamento hegemônico e supremacista masculino.

Em “Desconstruindo o Estigma ao Corpo da Mulher: a Natureza Feminina no Tratado sobre o Homem de Tomás de Aquino”, Pablo Gatt analisa as representações da mulher no pensamento de Tomás de Aquino, especialmente nas Questões 91 a 93 da Summa Theologiae, na qual o autor discute a criação do corpo humano e, de modo particular, a formação de Eva. A investigação contrasta a narrativa bíblica com o mito de Lilith presente em tradições judaicas, destacando como ambas as figuras estruturaram diferentes percepções sobre desobediência, submissão e autonomia feminina. O autor propõe uma reavaliação crítica dos estigmas atribuídos ao corpo feminino e das matrizes discursivas que influenciaram a construção teológica da feminilidade, mostrando como

tais narrativas moldaram práticas sociais e continuam a ressoar em debates contemporâneos sobre gênero.

No texto “A Compilatio como ferramenta didática no *Livre des faits d’armes et de chevalerie* de Christine de Pizan”, Stephanie Sander expõe parte dos resultados da sua pesquisa de mestrado, defendida em 2021. Tem como fonte de análise o *Livre des Faits d’Armes et de chevalerie* (o livro dos feitos de armas e de cavalaria) escrito por Christine de Pizan (1365 - c. 1430), em 1410. Neste artigo, a autora busca entender a fonte dentro do conjunto das obras didáticas medievais, analisando um dos elementos que compõe a escrita que a autora desenvolveu para seus trabalhos políticos: a *compilatio*. Através de uma análise indiciária e do ponto de vista da hermenêutica imaginativa, ela procura compreender qual é o papel da *compilatio* na difusão dos conselhos que Pizan dirige à sociedade guerreira francesa nos *Faits d’Armes*.

Em “‘Não tenho, rei, aqui parente, / que a minha causa me sustente’: o Caso de Isolda entre as Conexões Insulares e a Intertextualidade dos Romans Tristanianos Medievais” de Luan Lucas A. Morais, somos apresentados à construção literária do chamado Ciclo Tristaniano, que teve como fundamento constitutivo referenciais de base insular e continental, de modo que as narrativas que o integram acabam por conter elementos passíveis de análise em torno das continuidades e/ou rupturas históricas de seus respectivos locais de origem. Seu artigo tem por objetivo realizar uma análise e reflexão acerca de tais referências, dando atenção particular àquelas de matriz insular e, especialmente, irlandesas.

A beguina Marguerite Porete nasceu por volta de 1250, em Valenciennes, no norte da atual França, e foi morta após sua condenação como herege contumaz em Paris, no ano de 1310, tendo por motivo para sua condenação o fato de ter escrito e repetidamente reproduzido e divulgado o tratado teológico intitulado *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Na pesquisa “Relações institucionais de poder presentes nos autos do processo inquisitorial contra Marguerite Porete (1310)”, Andréa Reis Ferreira Torres busca analisar as instituições presentes no caso da condenação por heresia da francesa e como se davam as relações entre essas diferentes autoridades. Ao longo dos registros do processo, é possível observar não apenas os critérios utilizados pelos inquisidores para definir os

desvios passíveis de condenação, mas também o envolvimento de uma série de autoridades que perpassaram a trajetória de Porète e que atuaram na decisão de sua culpa.

Em “Género(s) y Saberes Médicos: Apuntes Sobre Gregorio Marañón (1887-1960)” de Marcelo Lima, temos Gregorio Marañón y Pasadillo foi um médico, cientista, escritor, filósofo e historiador espanhol. Dentre suas numerosas obras, o autor destaca a intitulada "*Ensayo biológico sobre Enrique IV de Castilla y su tiempo*" (1930). O presente artigo tem como objetivo discutir as relações intersetoriais entre o conhecimento médico-biológico e o historiográfico propostas pela autora, considerando o contexto político-cultural e intelectual da época e sob a perspectiva dos Estudos de Gênero. Ele parte da hipótese de que Marañón projetou diversas visões contemporâneas sobre a figura de Henrique IV, propondo uma interpretação positivista e científica do monarca, ao mesmo tempo que coloca as diretrizes de gênero como um marcador social que define noções de memória, sexualidade, sujeito e tempo histórico.

No artigo “Uma Analogia a Delfos em *A Cidade das Damas*: Autoria Feminina e Autoridade Literária em Christine de Pizan”, Maria Graciele de Lima busca identificar ao menos três aspectos afirmativos sobre a formação da identidade de Christine de Pizan (1364-1431) como mulher-escritora no Medievo. Na sua narrativa *A Cidade das Damas* (1405), a partir da protagonista, logo no Livro Primeiro da obra, podemos encontrar a passagem em que Christine como narradora-personagem recebe a visita misteriosa de três Damas alegóricas: Razão, Retidão e Justiça. Ela recebe destas sibila o ensinamento e a missão de combater a misoginia presente na Literatura e na tradição filosófica para a edificação da cidade imaginária em defesa das mulheres: 1) o seu profissionalismo pioneiro de sucesso como mulher-escritora na divulgação de sua obra no Medievo; 2) o seu conhecimento filosófico, pois na narrativa a autora dialoga e refuta a tradição misógina advinda das obras da Antiguidade, a exemplo de pensadores, poetas e literatos e 3) a verossimilhança entre a vida da autora e a personagem-narradora Christine, designada pelas três Damas, como sibila, profetisa e arquiteta no combate aos autores misóginos.

No texto “Da Fragilidade à Força: A Construção da Autoridade de Hildegard von Bingen”, de Ana Rachel de Vasconcelos e Simone Marinho, é apresentada a autoridade singular dessa mulher respeitada e influente no século XII. O artigo demonstra que a

construção da autoridade de Hildegard von Bingen ocorreu por uma convergência de fatores histórico-sociais, teológicos e discursivos, bem como destaca que o próprio Cristianismo apresenta em seu âmago a abertura que propiciou o surgimento de autoridades femininas na Idade Média e explica como a mística usou a fraqueza como fundamento de sua autoridade.

O último artigo, “Reginaldade (*Queenship*), Mediação Diplomática e relações familiares: D. Maria, lugar-tenente de Aragão, e a defesa de D. Leonor, regente De Portugal (Séc. XV)”, de Mariana Bonat Trevisan, temos uma reflexão sobre os protagonismos femininos no medievo e é proposta uma discussão acerca da relação entre duas mulheres, rainhas ibéricas do século XV, que detiveram posições de poder em seus reinos por casamento e cujas ações e situação política impactaram diferentes grupos sociais. D. Leonor de Aragão, rainha de Portugal, havia sido incumbida em 1438 da regência *in solido* do reino pelo marido, D. Duarte, em testamento. A autora busca analisar, através da atividade epistolar da monarca D. Maria, como a soberana de Aragão procurou, durante e após a vida da prima/cunhada, defender os interesses de D. Leonor e de pessoas ligadas a ela, desvelando esferas de ação e protagonismos próprios das rainhas medievais ibéricas que resultavam em implicações políticas e sociais específicas. O estudo tem por base a categoria ibérica de *reginaldade*, pensada no contexto anglo-saxão originalmente a partir da noção de *queenship*.

A revista também apresenta a resenha crítica do “Livre des Deux Principes” por Cássia Luana de Freitas Moreira, o que ainda mais enriquece o conteúdo histórico-literário do periódico.

Convidamos os (as) pesquisadores (as) a conhecer e explorar os artigos e a resenha desse dossiê que traz a tão pertinente temática da participação feminina no medievo: seu protagonismo, autoria e suas representações, trazendo uma visão cada vez mais diferente do que foi esse período histórico em relação aos papéis desempenhados pelas mulheres, bem como à nossa própria contemporaneidade, dada a situação alarmante vivida por nós mulheres em um contexto de violência e feminicídio tão presente na sociedade brasileira. Esperamos que essas reflexões possam nos fazer analisar o passado e pensar um futuro no qual possamos viver cada vez mais como protagonistas da nossa própria história, e não como vítimas, num mundo mais justo e seguro.

REFERÊNCIAS

SOIHET, Rachel. “Violência simbólica. Saberes masculinos e representações femininas.”

Estudos Feministas, v.5, n.1, 1997.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**,

v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>.